

O que parecia apenas um inocente trabalho nas horas vagas para a bela secretária canadense acabou sendo uma fuga desenfreada rumo à fronteira americana

Com um revólver nas costas

NICOLE FORGET

NO DIA 22 de janeiro de 1971, uma sexta-feira, a bela Nicole Forget, secretária em Montreal, de 22 anos, recebeu um telefonema dos Serviços Temporários Olsten, para os quais trabalhava duas noites por semana para ganhar um dinheirinho extra. Poderia encontrar um advogado norte-americano chamado Wilbert Ghelsen no Hotel Seaway, no centro da cidade, às 5:30 da tarde de domingo, 24? Sim. E levá-lo até o Instituto Pinel de Montreal, na zona norte da cidade, para tomar um ditado? Certo. Naquele domingo, no entanto, houve um engarrafamento



de tráfego e ela se atrasou. O Sr. Ghelsen cansara-se de esperá-la, disse o recepcionista do hotel. Depois saíra. Eram 6:15, recorda Nicole Forget, e a noite estava muito escura...

EU NÃO fazia idéia do local para onde estava indo — sabia, apenas, tratar-se do Instituto Pinel, no Boulevard Henri-Bourassa 12333. Um hospital ou, quem sabe, uma casa de repouso? Quando, em lugar das casas, agora só se viam grandes armazéns e campos cobertos de neve, localizei o endereço e me identifiquei aos dois guardas na entrada. Um deles disse que eu encontraria Ghelsen no salão dos visitantes, onde ele conversava com um paciente do Pavilhão E2. Lá, enquanto esperava no *hall*, fiquei surpresa ao ver que as portas funcionavam eletricamente. «Isto é um hospital?», perguntei. «Sim», respondeu um empregado por trás de uma espécie de guichê, «um hospital psiquiátrico.»

No salão dos visitantes, próximo a uma saída, estavam Ghelsen e seu cliente, Garrett Brock Trapnell. Ghelsen tinha cerca de 30 anos, boa aparência, cabelos pretos ondulados, costeletas e um bigodinho. Usava um bracelete hippie. «Já não fazem advogados como antigamente», pensei. Trapnell, um homem enorme e bem vestido, por volta dos 30 anos, tinha olhos fundos e penetrantes, e parecia nervoso. Ghelsen estava calmo. Sem mencionar nosso desencontro, sorriu e disse «*bonjour*». Então, continuou a conversar em inglês com Trapnell.

Metemos mãos à obra. Estenografei uma história confusa contada por Trapnell sobre jóias roubadas nas Bahamas e contrabandeadas para os Estados Unidos em avião, e sobre um casaco de couro rasgado pelos guardas da prisão de Bordeaux, em

Montreal. Aquele estranho monólogo — parte confissão, parte acusação — durou 40 minutos. Trapnell estava ganhando tempo (como compreendi depois), esperando que os outros visitantes deixassem o salão.

De repente, Trapnell me pediu que esperasse num canto enquanto ele dizia algo confidencial a Ghelsen. Então, quando os últimos visitantes se foram, Ghelsen pediu desculpas e também se retirou. Disse-me para terminar o ditado e o mandar para ele, em Nova York.

Depois da partida de Ghelsen, Trapnell começou a ficar cada vez mais agitado. Quando concluiu o ditado, pediu-me para chamar um guarda a fim de assinar como testemunha. Mas não um guarda qualquer; tinha de ser o Sargento Morin. (O Sargento Julien Morin era o chefe da guarda naquela noite.) Enquanto esperávamos por Morin, continuei conversando, na esperança de acalmar Trapnell.

Como os outros guardas, Morin usava um uniforme que pouco diferenciava dos trajes civis. Tive medo, de repente, e muita vontade de ir embora dali. Mas Morin me pediu que lhe lesse a declaração em inglês. Subitamente, enquanto lia, tive a sensação de que algo errado se passava. Desviando os olhos, vi Trapnell de pé. Sobre seu braço havia um casaco de couro rasgado, a «prova» dos maus tratos em Bordeaux. Sob o casaco eu podia distinguir um revólver. Parecia de brinquedo — até que vi o rosto contraído de Trapnell.

«Vamos sair!», ordenou.

Não encontrou problema nas portas elétricas — ninguém o parou. Aquilo era um hospital, não uma prisão, e os guardas não estavam armados. O único vigilante que notou o que se passava não teve presença de espírito para ligar o alarme. Ficou paralisado enquanto Trapnell, Morin e eu corríamos para o carro. Trapnell me indicou o assento traseiro e ordenou a Morin que tomasse a direção, mas o carro morreu assim que ele o pôs em marcha — não estava habituado a guiar carros com mudança. Assim, Morin e eu trocamos de lugar. Trapnell estava a um passo da histeria quando aceleramos rente aos guardas da entrada. Gritou para mim que forçasse a saída se tentassem nos parar.

«Vire aqui!», gritou. «Mais depressa.» Eu estava a 50. Mas ele queria que fôssemos rápido. O ponteiro subiu para 60... 70... Eu tremia de medo. As ruas estavam geladas e escorregadias. Íamos acabar num hospital, sem dúvida. Ou no cemitério.

Trapnell disse que iríamos pegar Ghelsen algumas ruas adiante, num hotel, mas mudou de planos. Seria muito perigoso parar. Tinha combinado com Ghelsen que, se não pudessem encontrar-se a certa hora, ele iria sozinho.

Eu continuava aterrorizada. Mas Morin parecia mais calmo. Agora eu tinha certeza de que ele era cúmplice de Trapnell.

Na verdade, ele estava nas mesmas condições que eu — e devia se sentir ainda mais apavorado. Tinha mulher e cinco filhos e conhecia a ficha de

Trapnell na polícia. E tinha razões de *me* temer! Falando mal inglês, pouco entendia de minhas conversas com Trapnell. Pensava que *eu* era a cúmplice.

Puxa, como fiquei famosa naquela noite! O rádio, a televisão e todos os jornais disseram que eu era amante de Trapnell e que o visitara frequentemente no Instituto Pinel. Naturalmente era eu quem lhe havia levado a arma — a arma que ele agora apontava contra mim.

A temperatura estava abaixo de zero. Eu tinha deixado meu casaco no Pinel, mas nem por isso sentia frio. Minhas pernas pareciam de borracha, a garganta estava seca. Lutei para me controlar; não podia deixar que Trapnell ficasse mais nervoso por causa de minhas hesitações ao volante. Então, sem motivo, ele disse a Morin e a mim que não queria nos fazer mal — desde que lhe obedecêssemos cegamente. Morin e eu estávamos na mesma situação.

Com Trapnell aparentemente mais calmo, também me acalmei. Disse-lhe a verdade, ou seja, que sua arma me aterrorizava. Ele a pôs no chão, mas não tirou os olhos de mim nem por um segundo. Disse-lhe que o levaria aonde ele quisesse. Se realmente não tencionasse nos fazer mal, por que não fazer o que ele dizia?

Deu-me vontade de telefonar para meus pais, especialmente para minha mãe. Eu lhe havia dito que às 10 horas estaria em casa — e tinha por hábito telefonar quando me atrasava.

Até então, Trapnell e eu tínhamos trocado poucas palavras, mas notei

que, ao puxar um assunto com ele, o perigo diminuía. Tentei, pois, desesperadamente, bater papo com esse homem que me apavorava e intrigava. Lembrando-me de que no Pinel ele mencionara o fato de ter brevê de piloto, perguntei-lhe se costumava voar. Respondeu-me que contrabandeava jóias e outros bens roubados. Sua voz me dizia que ele se orgulhava do que fizera (ou fingia ter feito), por isso perguntei-lhe como fazia para identificar contatos e descarregar a «muamba».

Não houve hesitação em suas respostas. Gostava de falar, embora fosse difícil saber quando acabava a verdade e começava a fantasia. Dava a impressão de ser um agente com ligações em várias organizações criminais. Chegou a dizer que já roubara um avião na Califórnia! A costa oeste norte-americana o impressionara grandemente. Afirmou que planejava voltar lá um dia e comprar uma loja com os 250 mil dólares que havia «economizado». Frequentemente ansiava por começar tudo de novo, disse, mas por um motivo ou outro sempre ia adiando. Ele parecia gostar do que fazia.

Tentei lhe fazer ver que era loucura arruinar a própria vida daquele jeito. Ainda era jovem e, a despeito de seu passado, nunca havia matado ninguém — mas que algum dia seus nervos começariam a falhar (eu tinha sentido aquilo no Pinel) e podia ocorrer um crime involuntário sem que ele pudesse evitá-lo.

Discutimos o sistema penitenciário. Trapnell dizia ser fácil evitar a cadeia

fingindo doença mental. Com esse estratagema tinha conseguido ir para o Pinel e de lá escapar com tanta facilidade. Em Bordeaux, encontrara Ghelsen e planejara a fuga daquela noite, assegurando-lhe que tudo o que eu tinha a fazer era desempenhar bem meu papel.

Paramos na primeira bomba de gasolina, na auto-estrada 401. Trapnell me disse para continuar até um restaurante próximo, onde eu deveria comprar café e cigarros, usando só as máquinas automáticas e sem poder falar com ninguém. Advertiu-me de que atiraria através da janela se eu fizesse o menor movimento suspeito. Mas acabou por achar aquilo muito arriscado. E, assim, prosseguimos a viagem.

Estávamos nos dirigindo para a fronteira dos Estados Unidos. Ele sairia na primeira grande cidade no caminho, disse. Paramos perto da fronteira, no lugar de Ponte das Mil Ilhas, na Estrada 81. Desci. Trapnell permaneceu no carro, com a arma escondida no espaço entre o assento e a porta. O guarda aduaneiro norte-americano não desconfiou de eu estar sem casaco naquela fria noite de inverno, nem parece ter visto o pânico em meus olhos. Trapnell contou sua história: meu marido (Morin) e eu estávamos levando nosso amigo (ele, Trapnell) de volta aos Estados Unidos, depois de haver passado o fim-de-semana conosco em Montreal.

Pediram-nos identificação. Trapnell disse que como prova de que era americano só tinha a etiqueta *Made in USA* pregada em seu casaco.

«O. K.», disse o encarregado da emigração. Fiquei torcendo para que ele fosse um pouco mais desconfiado!

Estávamos nos Estados Unidos e finalmente atingimos os arredores de Siracusa, no Estado de Nova York. Eu não conhecia a cidade — nem Trapnell tampouco, aparentemente —, mas assegurei-lhe que seria fácil escapar em Siracusa. E deixar-nos (a Morin e a mim) voltar em paz.

Trapnell começou a pensar em voz alta se podia confiar em nós. Sabia que Morin e eu iríamos avisar as autoridades assim que ele nos soltasse — mas se nós lhe déssemos uma boa vantagem e não chamássemos a polícia até voltarmos para o Canadá? Olhei para Morin. Ele anuiu. «Está bem», eu disse.

Trapnell me mandou parar numa bomba de gasolina, onde saiu do carro. Então, como se seus prisioneiros tivessem de repente se tornado seus amigos, Trapnell apertou bruscamente a mão de Morin. E sorriu para mim, ao mesmo tempo tímido e envergonhado. «Obrigado, menina», disse. Apertei o acelerador e saímos.

Uns 200 metros depois, na estrada, paramos numa estação terminal de ônibus e Morin telefonou à polícia de Siracusa. Dois policiais vieram encontrar-nos. Morin e eu estávamos lhes contando a história, calma e confiadamente, quando entra na estação... Trapnell! «É ele!» gritei, assim que me viu. Os policiais o agarraram.

Desesperado, jurou que nunca tinha visto Morin nem eu. Negou ter vindo do Canadá naquela noite, dizendo que seu nome era Brock e que

sua mulher esperava por ele num motel perto dali. Mas éramos dois contra um, e o retrato falado que tínhamos feito dele correspondia ao tipo. Depois de tanto planejamento e da ajuda de um misterioso «advogado» (que ainda está à solta), depois de voar por estradas geladas e cruzar fronteiras internacionais, Garrett Brock Trapnell havia caminhado literalmente para os braços da polícia.

Pensei que minhas provações tivessem terminado. Mas, não. Quando telefonei a meus pais, soube que estava sendo apontada como amante de Trapnell, além de sua cúmplice. A polícia de Montreal já dera uma busca em meu quarto. O rádio, a televisão e os jornais estavam cheios manchetes: JOVEM CANADENSE AJUDA AMERICANO A FUGIR DA PRISÃO.

Mas não demorou muito para que eu limpasse o meu nome. Logo começaram a aparecer retratações, que coleí em meu album de recortes.

No quartel da polícia, em Siracusa, deixaram-me descansar e me acalmar um pouco, e me deram um casaco. Meu pai me encontrou naquela noite, em Brockville, Ontário, e após o jantar preparamo-nos para voltar a Montreal. Não tínhamos rodado 150 metros quando partiu a transmissão do carro.

E se aquilo tivesse acontecido antes, e Trapnell pensasse que eu avariara o carro de propósito? Bem, agora eu sei que a arma com a qual ele me ameaçara durante todo aquele tempo não era de verdade, e sim uma pistola de festim, usada pelos juizes de partida em competições esportivas.